

**SHEILA BORGES****Reflexões sobre o jornalismo, afeto e a pesquisa para além dos limites institucionais**Nicoly Grevetti¹Marilaine Martins Camargo²

Enquanto lugar de diversidade, afeto, produção e partilha de conhecimento, não apenas com os que estão dentro das instituições, mas também com a comunidade ao redor, a academia vem melhorando ao longo das décadas. Porém, a falta de diálogo com o mundo externo ainda faz da academia um lugar inacessível para muitos e um desafio para aqueles que tentam ultrapassar seus limites. Iniciativas que reconheçam essa desconexão e se empenhem em dialogar com as múltiplas realidades existentes podem ser fundamentais para enfrentar essas questões e criar um ambiente acadêmico mais acessível e integrado.

Sheila Borges de Oliveira é membro do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste (CAA), campus da Universidade Federal de Pernambuco, localizado em Caruaru, no Agreste pernambucano. Em sua trajetória no CAA, a professora desenvolve projetos de extensão e pesquisa que aproximam academia e comunidade, a Rádio Cordel e o Projeto Repórteres Amadores. Neste último, a iniciativa de realizar uma oficina sobre ética e critérios de noticiabilidade, bem como a produção de audiovisual e a gestão de redes sociais, baseiam-se no conceito de pesquisa-ação. O projeto teve sua origem do livro “O repórter-amador: uma análise das disposições motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum”, publicado em 2015 por Sheila Borges, que analisa e identifica cidadãos comuns que tomam para si a responsabilidade de portadores de notícias.

Logo nas primeiras páginas, a autora conta como sua vivência na redação de um grande jornal a colocou em contato com a realidade desses repórteres amadores. Num determinado momento nos deparamos com o trecho: *“essa atitude sempre me inquietou, no sentido de querer entender como indivíduos aparentemente tão diferentes, que não se conheciam, decidiam deixar a zona de conforto de simples consumidores de notícias. O que os motivam a dialogar para influenciar a agenda de assuntos tratados pela mídia?”*. Essa inquietação revelada por ela desdobra-se em sua pesquisa e seus projetos, servindo como gancho da primeira pergunta desta entrevista.

PERGUNTA 1: Quais foram os passos que lhe guiaram nessa pesquisa e a formulação dos conceitos que você nos apresenta no livro?

RESPOSTA: Apesar de eu ser professora, eu continuo repórter. Essa inquietação não me abandonou. Acho que passa para a academia, porque nosso olhar fica um pouco mais crítico, analítico, em função da experiência, das leituras que você vai tendo. Mas lá no início, o que sempre me inquietou,

¹ Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). nicolygrevetti@gmail.com

² Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). mari.mcamargo@gmail.com

eu comecei no jornalismo antes da internet, ainda como estagiária, é que a gente recebia carta enviada pelo correio. Então veja: a pessoa escrever, postar, esperar a carta chegar para ter um retorno, é uma dificuldade. Algumas pessoas iam pessoalmente, eu atendi várias delas. E aí, um deles me chamou bastante a atenção. Confesso, não sei hoje onde essa pessoa está. Ele trabalhava no Porto do Recife e eu trabalhava no Jornal do Comércio, ficava perto. Essa pessoa fazia o que hoje é *freelancers*, via coisas e ia lá na redação dizer. Ele já era famoso na redação. Quando chegava na portaria a atendente já conhecia. Então, você descia ou mandava subir e ficava um tempo com ele, porque ele tinha necessidade. Ali estava um repórter, na realidade, entendeu? Ele não tinha formação, mas ele via o que era notícia. E assim tínhamos outros. O que levava essas pessoas, sem nenhuma formação em jornalismo, a ter a necessidade de procurar um jornal, uma rádio ou uma televisão para dizer “isso está acontecendo e isso é notícia”? Elas identificavam. Foi essa a inquietação. Depois, lá no doutorado, eu comecei a ler muito um autor chamado Pierre Bourdieu, ele fala da questão do campo social. Depois conheci outro autor chamado Bernard Lahire, que é da Sociologia e ele vai, justamente, tentar buscar entender essas pessoas que estão fora do campo formal. Ele vai buscar o que do social há no indivíduo e o que o indivíduo tem do social. São duas coisas que estão entrecruzando. Aí eu vim para um outro autor, chamado Howard Becker. Ele vai falar sobre o mundo das artes. Onde estão os artistas? Dentro do mundo das artes se eu sou um pintor, eu vou depender de quem faz a tela, de quem faz a moldura e de quem vende. Então, se eu tenho um mundo que está em torno de mim, eu não estou só, esse mundo social também está conectado. Becker falou sobre o mundo das artes e eu falei sobre o mundo do Jornalismo. Essa minha inquietude foi, digamos assim, respondida. Eu busquei autores que falam de outras áreas para entender esse mundo tão complexo do jornalismo, onde não estão só os profissionais. As duas teorias: do mundo social do jornalismo e do repórter-amador – que é repórter-amador porque não tem a formação, mas também porque ama o que faz – eu fui buscar aplicar através da metodologia. Nesse caso, a metodologia também foi de Lahire. Eu vou reconstruir a trajetória desse indivíduo para entender como foi que ele se forjou nesse repórter que eu observo, para, então, reconstruir os mundos sociais de Becker, quer dizer, o mundo da família, o mundo do trabalho, o mundo da escola, o mundo da comunidade. Onde é que essa pessoa foi buscando a socialização dela nos diversos mundos sociais? E quais foram as influências que essa pessoa foi tendo? Tanto de pessoas como dos contextos. Inclusive, o conceito de repórter-amador está mudando. No Agreste, esse repórter-amador já é profissional, eles estão ganhando dinheiro. Quando eu fiz em Recife, na região metropolitana, eles faziam isso no tempo livre, não havia uma profissionalização. Mas, atualmente, muita gente prefere se informar nesses espaços do que nos veículos. Muitos deles são famosos, porque existe o que a gente chama de deserto de notícia em que o dia-a-dia da cidade não está ali representado. A partir dessa frustração, eles criam espaços para colocar aquilo que eles julgam que é importante. É uma coisa que também mexia comigo, porque os valores de notícia também vão cair sobre a terra. Aquilo que a gente julga que é importante, não é para eles. Para eles é o que acontece naquele bairro, naquela localidade, no dia a dia deles, que nem sempre tem a relevância para essa notícia nos grandes veículos. De certa forma, eu também refleti sobre a minha situação profissional como jornalista. Para mim, foi uma reflexão desse agir como jornalista. Eu passei uma série de críticas à minha própria atuação como profissional, vendo a atuação desses cidadãos. Então, acho que o objetivo da pesquisa acadêmica é contribuir para essa reflexão. Em termos de Comunicação Social, a gente está numa área em que esse fator humano é muito forte e, às vezes, essa reflexão do agir social fica um pouco secundarizada. Acho que quando a gente faz a pesquisa, a contribuição é essa: são as pessoas refletirem sobre

o seu agir, seja no dia a dia profissional, ou seja como pesquisador. Você mostrar que existe uma teoria, a teoria não está distante da prática, as coisas se dialogam. O nosso olhar precisa ser para a sociedade. Apesar de escolher um foco, um recorte, ela vai ter um impacto. Eu acho que essa é a valorização que a gente precisaria ter na academia e não deixar de se comunicar com o mundo, com essas pessoas.

PERGUNTA 2: Os projetos de extensão e pesquisa que você realiza no Centro Acadêmico do Agreste (CAA) tem uma característica muito forte de irem além dos muros da universidade. Você convida as pessoas da comunidade para estarem na academia, por meio de oficinas, por exemplo. Por que você faz tanta questão que isso seja uma marca dos seus projetos e como isso, normalmente, se concretiza?

RESPOSTA: Um dos métodos é a pesquisa-ação. Por exemplo, eu fiz com outros dois professores um projeto de pesquisa que era a formação dessas pessoas (repórter-amador). A gente até foi apoiado por um edital. A partir da localização que eu tinha feito, começamos a fazer uma formação para explicar a essas pessoas algo que elas entendiam de forma intuitiva. Também levamos a questão ética, pois, às vezes, eles não têm a dimensão da responsabilidade da escrita de uma informação. Esse processo de formação que a gente fez durante o projeto durou quase dois anos. Produzimos uma cartilha e uma das coisas que faremos no próximo ano, inclusive, é publicar, para que qualquer pessoa que queira ter o seu espaço saiba como é feito profissionalmente. Não que elas vão virar profissionais, mas elas vão entender o processo e saber como ter o cuidado ético. É com a extensão que você vai dialogar com a população. Você vai abrir a universidade, porque eu acho que a universidade não precisa se fechar. Ela não tem que se fechar. Eu não consigo ver nenhum projeto que a gente não possa compartilhar, sabe? Também faço parcerias nos projetos, no caso de mídia sonora, com as rádios universitárias e rádios comunitárias educativas. A gente disponibiliza o conteúdo para que eles possam transmitir e pessoas que você nem conhece estão ouvindo aquilo que você fez. Há, para o estudante, mais responsabilidade, mais compromisso social, porque a informação é um item muito valorizado, muito precioso. Você tem acesso a determinadas coisas e tem gente que não tem, então, ela vai ter acesso a partir do que você vai contar. Acredito que é bem precioso para a comunidade quando ela percebe que há um trabalho na universidade e que essa universidade não está longe e nem é inatingível. Não é simplesmente colocando receitas e fórmulas, mas é você compartilhando o conhecimento que você adquire.

PERGUNTA 3: Os projetos que você coordena, direcionados pela pesquisa-ação, promovem uma horizontalização entre a universidade e a comunidade não acadêmica. O meio acadêmico é construído em uma hierarquização, que pode se tornar até mesmo opressiva. Como você observa essa realidade? Você vê esse movimento que você faz, vindo também dos seus pares?

RESPOSTA: Quando eu entrei na academia, isso era uma coisa bem inatingível. Acho que você termina entrando num sistema que é opressor, que, na realidade, quer colocar você como um elemento dentro daquele operacional. Por mais que você reflita, que você critique, você tem que fazer algumas coisas, porque se você não fizer, você não tem a senha de acesso para ir avançando. Hoje, essas questões estão mais postas e contribuem para uma horizontalidade que não está, mas que vai chegar. Até quando você coloca a questão de gênero, mesmo. Por exemplo, eu tive filho nesse processo todo (da carreira

acadêmica) e isso não é considerado. Você tem que mostrar que você é tão capaz quanto aquela pessoa que não tem filho, não tem casa (para manter ou gerir), não tem nenhuma outra responsabilidade. Isso é um preço alto, muito alto. Talvez o cansaço que eu tenha hoje é fruto desses anos todos, porque eu trabalhava até dez horas por dia, estudava, dava aula, criava filho e tentava viver. É muito opressor nesse sentido para a mulher. Eu não sou negra, mas acredito que uma mulher negra, LGBTQIA+, sente muito mais. Agora está havendo uma reflexão sobre essas questões todas. As coisas estão sendo colocadas de uma forma que, na época que eu estava começando, elas não eram colocadas. Quando entrei no doutorado eu tinha direito a uma bolsa, mas como eu trabalhava, tive que optar. O que eu ganhava de salário era mais do que a bolsa. Por que eu não tive direito à bolsa? Iria facilitar. Pagar alguém para ficar com meu filho, ir a congressos, investir na pesquisa. Eu tive que, inclusive, pedir licença, tirar férias do trabalho para dar conta de fazer (atividades da pesquisa). Agora que essa coisa de ser pesquisadora e mãe está sendo colocada. Quando você está em licença maternidade, ou você está com um processo até mesmo de adoção, o CNPq está reconhecendo e está cedendo um tempo a mais para fazer (a pesquisa). Eu convivi com pessoas que tinham que amamentar e fazer trabalhos para entregar, porque, senão, estavam fora. Imagina o sacrifício. E isso tem um preço que vai ser cobrado, fisicamente e mentalmente. Então, isso que você está falando é bem importante. A gente não atingiu, acho que vai ser difícil atingir, mas já está começando a haver uma preocupação nesse sentido, principalmente em relação a um debate que atravessa essa questão da saúde mental. Essa horizontalidade na academia é difícil. Existe uma hierarquia, sim, mas eu acho que é um sistema que está começando a olhar essas questões que atravessam, porque todos nós somos humanos.

PERGUNTA 4: Na pergunta anterior, falamos de hierarquização na academia. Em tempos em que a Educação caminha com dificuldades para se recuperar de fortes golpes, ainda se fala pouco de afeto na educação universitária. Enquanto uma professora que cria laços com seus alunos para além do *campus*, você acredita que o afeto pode ser um caminho para pensar no problema da evasão, nos problemas emocionais e, até mesmo, na falta de conexão com as pessoas que estão além dos muros das universidades?

RESPOSTA: Eu acho que a gente tem que se apoiar. Não existe professor sem aluno e não existe aluno sem professor. Todo professor foi aluno e alguns alunos vão virar professores. Quando meus alunos dão oficina, eu acho que eles são professores ali e creio que isso também motiva eles a entender o processo, a explicar e compartilhar. Acredito que é uma coisa importante dentro desse aprendizado que a gente faz. Mas entram duas questões aí: o afeto para você *entender* e, muitas vezes, eu utilizo esse afeto também para *cobrar*. Eu sou uma professora que cobra. Eu cobro bastante, porque, para mim, faltar é mais grave que não fazer a atividade da disciplina. Eu valorizo muito a presença e registro falta, porque eu me esforço muito para poder estar ali. Quando o aluno não faz alguma atividade, eu vou buscar entender o porquê ele não fez e dou uma chance para ele fazer. Mas para que eu possa cobrar, eu preciso entender, e aí passa pelo afeto. Ter empatia, porque você já passou por aquele processo, então você sabe das dificuldades, de questões como estar distante de casa, muitas vezes, não ter família perto ou ter problemas familiares que vão interferir na produção. E são por esses fatores todos que eu acho que o professor tem um pouco de psicólogo, de mãe, de pai, de amigo. E quando ele se coloca nessa posição, ele se aproxima mais do aluno e aí ele vai poder perceber a vocação que aquele aluno tem, porque todos os alunos, por mais que estejam no mesmo curso, cada um tem uma habilidade. É

preciso entender as habilidades para poder cobrar, exigir. Não se pode tratar todo mundo igual, porque as pessoas são diferentes. O professor nunca vai trabalhar sozinho, ele está sempre com outras pessoas no seu entorno, então, se todo mundo se ajuda, se apoia, se respeita [...] eu acho que o afeto parte disso também, sabe? Acredito que cabe muito da maturidade de cada um saber esse termômetro. O afeto é fundamental, importante, mas ele também não pode proteger demais ou fazer alguma coisa que vai, na realidade, atrapalhar. Precisa ter uma medida e aí existe resposta para isso? Não. É no dia a dia. Aquilo que eu posso fazer vai somar com o outro, isso é uma sala de aula. Cada um tem as suas habilidades e acho que o professor é um pouco maestro nesse sentido, de fazer com que todos aqueles instrumentos da orquestra funcionem e que não se perceba quais são os pontos conflitantes, mas que eles se somem para gerar uma certa harmonia. Acho que o afeto talvez seja isso, você identificar, cobrar, fazer, dar uma corda, mas também não esticar demais. É bem complexo quando você vai trabalhar com afeto, mas você não pode deixar de trabalhar com ele.

PERGUNTA 5: Você se formou em Jornalismo e Publicidade na década de 1990, publicou sua tese em 2014 e a Rádio Cordel está desde 2018 produzindo e concorrendo a prêmios no Expocom, ou seja, você esteve presente em várias fases da pesquisa em Comunicação no Brasil. De lá pra cá, o que você observa que mudou na pesquisa? Quais os maiores desafios que você vê os projetos extensionistas enfrentarem no Brasil? E pra você, como eles podem ser superados?

RESPOSTA – Eu acho que o processo da pesquisa na área de Comunicação é complexo, pois ele vai mudando a partir do cenário. O cenário da internet, da emergência tecnológica, da inteligência artificial. A Comunicação é um campo bem aberto nesse sentido, até porque ela atravessa várias áreas. Em todos eles você precisa se comunicar e acredito que é isso que a gente consegue trabalhar na Comunicação, que vai abranger o Jornalismo, a Publicidade, o Cinema, o *Marketing*, muitas áreas que estão correlatas. As pesquisas na área vão avançando a partir desses cenários que vão mudando. Uma coisa que eu noto é que, cada vez mais, os profissionais estão buscando a pesquisa como uma forma de entender. (Antes) a pesquisa era só para quem queria ensinar, mas hoje eu vejo muita gente fazendo mestrado para poder atuar no mercado de uma forma mais comprometida, entendendo mais, inovando. Muitos mestradinhos profissionais estão sendo abertos. E no final desse processo, você não apresenta uma dissertação, mas sim um produto que vai mostrar uma inovação na área da Comunicação. As indústrias criativas estão aí pra mostrar isso pra gente.

Quando eu entrei na graduação e também quando comecei na pós, havia aquelas caixinhas e você tinha que entrar nelas. Hoje em dia, não tem mais caixinha, tá tudo aberto. É um fluxo contínuo e bem flexível. De uma forma geral, o campo da pesquisa está passando por esse processo que é complexo. Esse ano (2024) eu estive na Compós e quando você olha (para os pesquisadores) uma boa parte ainda é homem e branco, mas você consegue observar que essas coisas estão mudando, sabe? Então, é um processo que a gente tá passando. E não sei se é a geração de vocês que veio, ou é uma outra que ainda vai vir, que vai notar uma equidade em todos os sentidos. Quando você vai nesses espaços onde se encontram os pesquisadores, as suas referências, aquelas pessoas que você cita e que estão ali, a maioria é do Sudeste e do Sul. Você ainda tem pouco Norte e Nordeste. Então, também passa por essa questão, de abrir espaço para outras regiões. Agora, isso está acontecendo, essa coisa da raça, do gênero, da questão regional, sabe? Isso está mudando.

Em relação à extensão, eu acho que ela começou a ficar mais valorizada. (Antes) aquele professor que gosta de fazer extensão não era (considerado) classe A. Classe A é quem faz pesquisa, com edital e com financiamento. De um tempo pra cá, a extensão já começa a ser valorizada e esse tripé, *ensino, pesquisa e extensão*, vem sendo cada vez mais reconhecido pela academia. Pelo menos, é o que eu percebo. Eu gosto de fazer extensão e eu gosto de fazer pesquisa. Acredito que as coisas estão interligadas. Não precisa ter uma divisão. As coisas precisam se conectar, porque a finalidade de tudo, para mim, é a sociedade. Você não pode atuar sem olhar para ela. (Fazer) pesquisa, ensino e extensão é estar conectado com a sociedade. Você tem que olhar quais são as necessidades, o que é que está sendo discutido, o que é que aflige, quais temas são caros, com o que se pode contribuir nesse cenário? Isso tudo está conectado com a capacidade que o docente tem de fazer os seus projetos, no ensino, graduação e pós. Não se pode criar uma categoria no qual quem está na pós tem mais importância do que quem está na graduação, afinal de contas, sem a graduação não há pós. Ninguém pula uma etapa. Alguma coisa fez com que vocês tivessem a instigação, a inquietude, aquela palavra que eu falei lá no início, de estar na pós. Com certeza tiveram professores que motivaram vocês a estar aqui. Então, é um processo de mão dupla e é um fluxo, sabe? Uma coisa não está isolada da outra.

– *Sheila Borges de Oliveira se formou em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), nos anos 1990. Seguiu a carreira acadêmica, tornando-se mestra em Comunicação e, mais adiante, Doutora em Sociologia, ambos os títulos conquistados na UFPE. Ingressou como repórter no Jornal do Comércio ainda em 1996, onde permaneceu por quinze anos, parte deles estando à frente da coluna de Política do veículo. Trabalhou também nas Rádios CBN e Clube de Pernambuco e sua paixão pela mídia sonora continua viva na Rádio Cordel. Uma rádio web universitária, educativa e comunitária, onde atua como uma das responsáveis no CAA.*

REFERÊNCIAS

Borges, Sheila. O repórter-amador: Uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum. Recife: Cepe Editora, 2016.

Submissão: 22/08/2025

Aceite: 15/10/2025